

POÉTICAS DECOLONIAIS: RESSIGNIFICAÇÃO RACIAL NEGRA EM MARY GRUESO ROMERO E LUCIENE NASCIMENTO

Paula Fernanda Vicente Rosa¹
Laura Dias²

RESUMO:

A poesia produzida por mulheres afro-latino-americanas é um dos mais poderosos caminhos de resistência cultural a serem referenciados na diáspora negra da América Latina e Caribe. Neste artigo, analisa-se como a colombiana Mary Grueso Romero e a brasileira Luciene Nascimento, a partir da voz, da memória e do corpo feminino negro, conseguem criar percursos de insurgência capazes de ressignificar, poeticamente, a identidade racial e promover uma virada decolonial frente aos discursos hegemônicos.

Palavras-chave: poesia, mulheres afro-latino-americanas, decolonialidade, identidade negra.

RESUMEN:

La poesía producida por mujeres afro-latino-americanas es uno de los más poderosos caminos de resistencia cultural que deben servir de referencia en la diáspora negra de Latinoamérica y Caribe. En este artículo, se analiza cómo la colombiana Mary Grueso Romero y la brasileña Luciene Nascimento, a partir de la voz, de la memoria y del cuerpo femenino negro, logran crear rutas de insurgencia capaces de resignificar, poéticamente, la identidad racial y promover una virada decolonial frente a los discursos hegemónicos.

Palabras-clave: poesía, mujeres afro-latino-americanas, decolonialidad, identidad negra.

Introdução

No campo dos estudos literários, a investigação, análise e apreciação de produções realizadas por determinadas identidades são comumente desprezadas ou secundarizadas. Isso ocorre porque tanto a literatura quanto a crítica literária são esferas capazes de refletir as relações de poder. Eduardo de Assis Duarte (2014, p. 11), ao lançar a pergunta “literatura tem cor?”, afirma que quando o suplemento “afro” é acrescentado ao texto de escritores negros, este texto ganha uma densidade crítica a partir da existência desse ponto de vista específico – afroidentificado, o que permitiria compreender as produções literárias negras de modo distinto daquele predominante na literatura canônica. Assis Duarte (2014) pontua ainda que cor remete à identidade e a valores que indubitavelmente se fazem presentes na linguagem que constrói o

¹ Email: paula.rosa@ifrj.edu.br

² lauretdias0311@gmail.com

texto literário. A perspectiva afroidentificada é o primeiro plano a delimitar nosso interesse de análise literária neste artigo.

Ao teorizar sobre a categoria político-cultural de amefricanidade, Lélia Gonzales (2020, p. 130) ressalta que “a diáspora africana marca significativamente a construção da América Latina e Caribe”. A autora salienta, no entanto, que a formação histórico-cultural dos territórios invadidos e explorados pela colonização ibérica – Espanha e Portugal – se fez à base do modelo de racismo de denegação, isto é, uma discriminação que dispensa formas abertas de segregação, posto que as hierarquias raciais, mesmo no pós-abolição, estão asseguradas na estrutura dessas sociedades a partir das ideologias circulantes e das técnicas jurídico-administrativas. O racismo de denegação, ainda segundo a autora, se apresenta como uma maneira bastante eficaz de alienação dos discriminados, já que a segregação velada mascara a consciência objetiva das manifestações do racismo, criando uma falsa ideia de democracia racial nos espaços onde foi implementado.

Com tais explanações, não desejamos aqui criar escalas valorativas a respeito de diferentes modelos de discriminação, uma vez que, disfarçada ou não, todas as formas são igualmente terríveis e aviltantes a nossa comunidade. Assinalamos, no entanto, que a experiência afroidentificada na América Latina de colonização luso-espanhola será o segundo recorte que direciona a seleção das autoras aqui estudadas. Afinal, este tópico nos encaminha no sentido da construção de uma identidade étnica atravessada por experiências historicamente semelhantes, ancoradas na fragmentação da identidade racial. Ao renomear a América Latina de “América Ladina”, Lélia Gonzales (2020, p. 136), além de apontar para a natureza negra e indígena da nossa cultura, afirma a diáspora africana nesta parte do continente como criadora de uma experiência específica da negritude.

Sem perder de vista nossos laços com a África e com toda a afrodiáspora, desejamos enfatizar, no entanto, vozes femininas que se desvelam neste território particular da existência subjetiva negra, isto é, na América herdeira do contato luso-espanhol. Assim, este trabalho se debruçará sobre as poéticas de Mary Grueso Romero e de Luciene Nascimento, autoras colombiana e brasileira respectivamente.

Entendemos a literatura como um dos caminhos de resistência cultural a serem referenciados na América Latina e Caribe. Dessa forma, nos importa analisar as representações de raça (imagem/autoimagem) elaboradas e/ou interpretadas nas poesias das autoras supracitadas. No entanto, não podemos avançar neste labor sem lançarmos mão da noção de decolonialidade³, conceito fundamental ao considerarmos os projetos literários de Mary Grueso Romero e Luciene Nascimento. Consideramos que suas obras estão inscritas num movimento de resistência política, estética e epistêmica à colonialidade⁴, por isso decolonial. Nesse sentido,

³ No livro *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020, p. 11) definem decolonialidade como uma “noção de geopolítica e de corpo-política do conhecimento como crítica ao eurocentrismo e ao cientificismo.”

⁴ Entenda-se colonialidade como a atualização da perspectiva colonial que estabeleceu hierarquizações entre seres e saberes tomando como base o etnocentrismo branco.

verificaremos como essas autoras perfazem, poeticamente, caminhos que questionam a lógica e as percepções de mundo forjadas pelo racismo.

Romero e Nascimento investem num trabalho potente e, artisticamente, sugerem o que está em jogo, denunciando a colonialidade do poder, do saber e do ser, ao mesmo tempo em que criam sentidos capazes de transformar a realidade. Assim, nos interessa observar algumas formas de como este trabalho se desenvolve. Ao mencionarmos a decolonialidade como proposta inerente ao projeto político e poético das autoras destacadas, importa também inserir este artigo nos mais de cinco séculos de luta das populações afrodiáspóricas, situando-nos como sujeitas ativas desta investigação, não apenas como objetos.

De acordo com Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel, no livro *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico* (2020, p. 11), um dos cerne da decolinização e da decolonialidade é “a questão do conhecimento”. Os teóricos nos dão embasamento para entender que o racismo, o sexismo e o imperialismo são princípios organizadores daqueles que têm ou não seus saberes reconhecidos, bem como daquelas literaturas consideradas legítimas ou ilegítimas. A opção pela predominância da autora negra e, mais particularmente, das mulheres negras, traz ao centro um perfil que na cena das investigações literárias costuma estar mais ausente que outros. Além disso, a afirmação de poetisas afro-latino-americanas como seres atuantes histórica, cultural e intelectualmente, romper com ideias supremacistas no que concerne a raça, gênero e território.

Brasil e Colômbia são respectivamente o primeiro e o terceiro países com maior número de autodeclarados negros na América Latina, segundo o Jornal Internacional *El País* de julho de 2019, na coluna Termômetro econômico e social da América. Nossa opção por Luciene Nascimento e Mary Grueso Romero se dá, entre outros motivos, porque, além de endossarem a emancipação negra na América Latina, suas produções, reflexões e biografias nos levam a [re]pensar a identidade negra a partir do feminino racializado. O que veremos são duas poetisas que compreendem a voz, a memória e o corpo da mulher negra como conhecimento e como crítica ao eurocentrismo. A fim de estudarmos as formas de como este processo se dá, lançaremos mão de três mecanismos interrelacionados: avaliação da preferência do modo de expressão das autoras, leitura interpretativa de suas poesias e a paulatina elucidação de como esses tópicos estabelecem sentidos (auto)poéticos decoloniais.

1. A voz e o corpo da poeta afro-latino-americana como exercício político e afronta à colonialidade

Mary Grueso Romero é uma poeta afrocolombiana nascida no município de Guapi (Cauca), em 1947. Além de escritora, é contadora de histórias e tem licenciatura em Espanhol e Literatura, sendo especialista em ensino de literatura. Formada também em Ludismo e Recreação para o Desenvolvimento Social e Cultural pela Universidad los Libertadores de

Bogotá, Romero faz parte do grupo de poetas colombianas do Museu Rayo de Roldanillo, desde 1996.

A autora tem como inspiração o pacífico colombiano, cenário e tema do universo único que é a sua obra. Outra temática que atravessa fortemente sua poesia são as memórias dos antepassados e a ancestralidade. Os poemas de Romero trazem uma representação do espaço da mulher negra na literatura, mostrando sensibilidade e força crítica.

Figura 1 - Mary Grueso Romero recitando “Soy poesía”



Fonte: Youtube, Canal Mary Grueso Romero

Mary Grueso Romero tem mais de dez livros lançados: “*El otro yo que si soy yo*” (2004), “*Negra soy*” (2008), “*Tómate antes que la noche llegue*” (2009), “*La muñeca negra*” (2011), “*La niña en el espejo*” (2012), “*Afrocolombianos: pelito de chacarrás*” (2017), “*La cucarachita mandinga*” (2017), “*Entre panela y confite*” (2018) e “*Cuando los ancestros llaman: poesía afrocolombiana*” (2015), entre otros.

No livro *Negra palmera, poesia, tambor y mar: de mãos dadas com Mary Grueso Romero* (2019), o professor Ricardo Luiz de Souza, ao analisar o trabalho literário da autora, chama a atenção do leitor para uma forma de expressão bastante preponderante em sua poética: a oralidade. Como já exposto, Mary Grueso Romero é contadora de histórias, mas a preferência pelas performances orais perpassa não só o seu trabalho em prosa, mas também seu ato poético.

Algo semelhante ocorre em Luciene Nascimento, poeta brasileira cujo trabalho também nos interessa. Embora seja uma autora jovem, de 29 anos, já é possível destacá-la por suas representações orais. Luciene tornou-se conhecida devido a um vídeo no qual recitava um poema autoral intitulado “Tudo nela é de se amar”. O vídeo em questão foi gravado em 2016, num evento da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde Luciene se formou em Direito. Com um cartaz do coletivo negro ao fundo, a então universitária verbaliza a poesia que inicia

com as seguintes palavras “Eu ouvi recentemente que sou geração tombamento. Preta pobre consciente que carrega esteticamente a cura para o próprio tormento.”

Sobre este vídeo, Lázaro Ramos (2021, p. 10), que mais tarde escreveria o prefácio do primeiro livro de Luciene Nascimento, afirma: “Ali estavam as questões relacionadas à autoestima, à formação de identidade, à necessidade de se posicionar ou não, à saúde mental... No entanto, tudo isso vinha impregnado de algo inédito, absolutamente novo: a voz de Luciene.”

Imagem 2 – Luciene Nascimento no vídeo que se tornou viral.



Fonte: Youtube, Canal Luciene Nascimento

Nascida e criada na cidade de Quatis, município localizado no interior do Estado do Rio de Janeiro, Luciene Nascimento é advogada e maquiadora. Engajada em ações antirracistas, a poeta foi vice-presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB de Barra Mansa-RJ e, em 2018, foi vencedora do Prêmio Dandara e Zumbi dos Palmares, na categoria Comunicação, condecoração dada a mulheres e homens negros da região Sul-fluminense que se destacaram durante o ano.

Em 2021, Luciene Nascimento lançou seu primeiro livro, *Tudo nela é de se amar*, o título reúne a poesia homônima e outros trabalhos poéticos de igual beleza e qualidade. Atualmente, seus vídeos somam mais de 4 milhões de visualizações na internet, mídia que a fez reconhecida e da qual a autora passou a se apropriar na divulgação de seus trabalhos. Em entrevista a Deivid Peixoto, do Jornal Ponto de Partida (2020), Luciene Nascimento fez a seguinte consideração: “todos os meus trabalhos foram revolucionados a partir do momento que tomei consciência de mim mesma como um corpo político.”

Precisamos enfatizar que a enorme repercussão do vídeo de 2016 desta poeta até então desconhecida seguiu-se da repercussão de outros vídeos que lograram semelhante importância, nos levando a indagar acerca dos sentidos evocados pelo próprio corpo da poeta negra. Tanto

Luciene Nascimento como Mary Grueso Romero inserem suas vozes e seus corpos como fenômenos fundamentais do exercício poético e político, conferindo substanciais significados às suas produções literárias. Afinal, cabe considerar que o corpo da mulher afro-latino-americana é um “vasto território de produção, circulação e transmissão de memória, estética, linguagem e pedagogia política” (TAVARES, 2021, p. 20).

Compreendemos a ação oral como pensamento e como práticas simbólicas capazes de romper com a norma colonial imposta àquelas e àqueles que, dentro desse sistema de valores, não têm direito a fala. Para além de suas publicações escritas, as vozes e os corpos de Romero e Nascimento estabelecem dilemas fundamentais ao colonialismo literário e aos padrões de referência do saber. Afinal, ao investirem nas performances orais, as poetisas tornam-se, elas mesmas, eixo de problematização da lógica racista, sexista e imperialista. No campo das produções semânticas, Mary Grueso Romero e Luciene Nascimento suscitam um pensamento não verbal, autopoético bastante importante, apreendendo processos de existência e resistência da identidade negra como *locus* de enunciação. Assim, a preferência pelo uso da voz e da presença física – mesmo quando virtual – fazem de seus corpos o território por onde se instaura a revolução.

2. Palavra e memória: Mary Grueso Romero e os sentidos poéticos que recriam a existência negra

A poética de Mary Grueso Romero vislumbra o resgate da autoestima do povo negro, algo que também veremos em Luciene Nascimento. No entanto, no caso da autora colombiana, vale destacar o minucioso trabalho de ressemantização positiva da própria palavra “negra/o”, bem como seus campos de significação através da história e da memória.

Com uma linguagem que equilibra simplicidade e sofisticação, Mary Grueso Romero revela o ser negra/o de forma totalmente avessa às conotações depreciativas criadas pelo discurso racista. A revisita a aspectos históricos e culturais da afrodiáspora é uma marca recorrente de sua poesia que, sob uma percepção contra-hegemônica, reposiciona conceitos e saberes através do poder [re]criador da literatura. A fim de desdobrar tais nuances do trabalho de Romero, destacamos o poema *Negra soy*, de 2008.

Negra soy

¿Por qué me dicen morena?
si moreno no es color
Yo tengo una raza que es negra,
y negra me hizo Dios.

Y otros arreglan el cuento
Diciéndome de color
Dizque pa´endulzame la cosa
y que no me ofenda yo.

Yo tengo mi raza pura
Y de ella orgullosa estoy
De mis ancestros africanos
Y del sonar del tambó.

Yo vengo de uma raza que tiene
Una historia pa'contá
Que rompiendo sus cadenas
Alcanzó la libertad.

A sangre y fuego rompieron,
Las cadenas de opresión
Y esse yugo esclavista
Que por siglos nos aplastó.

La sangre de mi cuerpo
Se empieza a desbocá
Se me sube a la cabeza
Y comienza a protestá.

Yo soy negra como la noche,
como el carbón mineral,
como las entrañas de la tierra
y como oscuro pedernal.

Así que no disimulen
llamándome de color
diciéndome morena
porque negra es que soy yo.

(ROMERO, 2008, p. 3)

Os versos da primeira estrofe de “Negra soy” revelam de imediato o embate discursivo que será reiterado ao longo do poema. O texto perfaz uma postura responsiva que desafia o interlocutor projetado no poema, figura com a qual o leitor pode vir a se identificar. Podemos entender que o poema estabelece como interlocutor toda uma ideologia colonialista que, através de seus porta-vozes, se empenham há séculos em estabelecer hierarquizações raciais.

No livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, a teórica Grada Kilomba (2019, p.145-146) afirma que pessoas negras são fantasiadas como negativas no inconsciente coletivo branco, de modo que a negritude é apenas admitida na consciência como algo ruim. Um dos fatos que comprovam a veracidade desta afirmação é o uso das expressões “morena/o”, “de color”, “mestiza/o” entre outras, para se referir a pessoas negras, como se, por “cordialidade”, o sentido da palavra “negro/a” precisasse ser suavizado, ou minimizado. Tal noção é confirmada na segunda estrofe, quando a voz poética explicita o motivo pelo qual recebe denominações diversas para se evitar a expressão “negra”: “Y otros arreglan el cuento /

Diciéndome de color / Dizque pa'endulzame la cosa / y que no me ofenda yo.” (ROMERO, 2008, p. 3)

Nesse sentido, a pergunta “¿Por qué me dicen morena?”, proposta na abertura do poema, lança uma provocação crucial acerca das imagens criadas a respeito da negritude, sendo capaz de explicitar o implícito, pois para respondê-la é necessário que se admita a negritude como insulto, revelando, conseqüentemente, o racismo que se deseja esconder. A indagação inicial aponta para a noção de que as imagens circulantes sobre ser negra/o, introjetadas na genética social latino-americana, estão atravessadas pela criação do colonizador.

A poética de Mary Grueso Romero apreende que o termo “negra/o” não é neutro. Está localizado dentro da história da escravização e colonização. Kilomba (2019, p. 130) aponta que o racismo é um fenômeno discursivo, não biológico. Segundo a autora, o racismo opera através de uma “corrente de palavras e imagens que se tornam associativamente equivalentes”. Dentro de uma sociedade criada sobre as bases do racismo, ser chamada/o de negra/o é ser relacionada/o a todas as analogias que se definem em torno desta expressão.

O eu-lírico da poesia de Romero, no entanto, reage às imagens raciais repulsivas sobre a negritude, imagens derivadas da consciência colonial. Ao reivindicar sua negritude, a mulher que se mostra na poesia empreende uma luta discursiva para se identificar com o que se é e não com o que presume o mundo conceitual branco. Assim, o poema trabalha na fissura entre imagem e autoimagem, posto que contrariando a ordem colonial, a voz lírica do poema não experimenta desonra ou vergonha em ser identificada como uma mulher negra, exigindo que o pertencimento racial, motivo de sua alegria, não lhe seja negado. Há uma transformação poética da imagem da negritude.

Para aqueles que ousam desejar de modo diferente, que procuram desviar o olhar das formas convencionais de ver a negritude e as nossas identidades, a questão de raça e de representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossa visão de mundo... (HOOKS, 2019, p. 36-37)

Nós, pessoas negras, somos levadas a experimentar imagens – discursivas e semióticas – depreciativas de nós mesmas e de nossa história. Mary Grueso Romero realiza uma intervenção radical nesse aspecto, já que deslegitima noções supremacistas e redefine a imagem negra. Na poesia citada, isso ocorre através da autoimagem do eu-lírico. Como afirma bell hooks (2019, p. 38), “o mundo real de criação das imagens é político”. Dessa forma, o poema analisado, a exemplo de outros textos da escritora colombiana, torna-se revolucionário na medida em que redefine as representações da identidade através da história e da memória afrodiáspórica:

Yo vengo de una raza que tiene
Una historia pa'contá

Que rompiendo sus cadenas
Alcanzó la libertad.
(ROMERO, 2008, p. 3)

O caráter traumático da experiência colonial está no convencimento íntimo, na confirmação subjetiva das pessoas negras em relação à falácia da superioridade branca. Entretanto, em “Negra soy”, temos um eu-lírico que não internaliza tais valores e não admite outra forma de se olhar e de olhar para os nossos que não seja pela consciência do orgulho. A poesia redefine os padrões de pensamento dominante, apontando sinais de independência e descolonização, a partir de uma lógica que perturba a norma: “Yo tengo mi raza pura / Y de ella orgullosa estoy / De mis ancestros africanos / Y del sonar del tambó.” (ROMERO, 2008, p. 3)

O eu-lírico evoca nossa história, nossa ancestralidade, nossa memória e nossa relação com o sagrado para articular o sentimento de pertença e reposicionamento da identidade. Vale ressaltar que a autoafirmação realizada na poesia ultrapassando contextos locais, mantém laços simbólicos com toda a experiência na América. Assim, a 3ª e a 5ª estrofes, sobretudo, compõem a potência e a dinâmica da experiência translocal na diáspora.

Na tentativa de alcançar o complexo, grandioso e poroso universo simbólico da jornada afro-nostálgica nas Américas, o poema conjuga a humanização reivindicada e a desumanização histórica, é o que se observa nos versos “Que rompiendo sus cadenas / Alcanzó la libertad.” e “A sangre y fuego rompieron / Las cadenas de opresión / Y esse yugo esclavista”. (ROMERO, 2008, p. 3) A literatura metaforiza, portanto, a condição limiar da identidade negra na diáspora, “este ser-estar-pensar entre-lugares e polaridades, entre a cidadania virtual e a sombra presente da escravidão” (TAVARES, 2020, p. 26). Nesta empreitada, o eu-lírico faz referência à coletividade a partir de uma identidade que se propõe como arquivo, como arma, como lugar da memória e como substância da poesia.

Na 7ª estrofe, o eu-lírico afirma ser negra “como la noche / Como el carbón minaral / Como las entrañas de la tierra / Como el oscuro pedernal” (ROMERO, 2008, p. 3). Além de buscar novos referenciais comparativos no solo da poesia, esses versos também rompem o eurocentrismo ao evocar elementos que operam a visão de mundo afrodiaspórica. Existe neles uma abordagem na qual a negritude, ou a negrura, é pensada de modo fenomenológico, como natureza efetiva. São analogias atravessadas pela ideia do antológico, do espiritual, na qual a negritude é mais do que a expressão, é o princípio da vida.

Declaramos, no início desta seção, que “Negra soy” elabora uma resposta lírica avessa à ideologia colonial: “Así que no disimulen / llamándome de color / diciéndome morena / porque negra es que soy yo” (ROMERO, 2008, p. 3). Os versos finais do poema sugerem a conclusão de uma argumentação delineada pela linguagem poética. Mary Grueso Romero instaura uma reflexão decolonial ao longo do texto e o encerra de modo a reiter o projeto de insurgência na qual nós, negras e negros, performados na voz lírica, passamos a ser palavra recriadora de nossa própria existência.

3. O corpo feminino negro poetizado: [re]construção de sentidos em Luciene Nascimento

O corpo feminino negro assume fundamental importância dentro do processo de ressignificação da negritude em Luciene Nascimento. A autora desfaz percepções articuladas pela perspectiva colonial adotando o corpo como um caminho poético potente e sensível. A cultura latino-americana se constrói sem que pessoas negras tenham a posse de seus corpos. O convencimento de que esses corpos eram desalmados, exóticos, odiosos e violentos é útil para justificar a violação, exploração, subalternização e genocídio do povo negro. Este corpo é então elaborado como uma oposição às referências que os brancos constroem para si.

Para pensar sobre o corpo negro, é preciso lembrar dos corpos não negros. De que corpo negro estamos falando? O corpo negro surge como uma criação do colonizador, é um corpo desumano, desprovido de alma. Ora, o corpo é uma manifestação da consciência, não existe fora das relações com outros corpos. Um corpo se cria a partir da construção do outro, do que significa para o outro (SOBRAL, 2017, p. 256).

Ao repensar liricamente o corpo negro, seja ele jovem ou idoso, Luciene Nascimento, assim como Romero, estabelece um contra-discurso, desfazendo representações da ótica racista que, ora o invisibiliza, ora o destrói. Aqui, abordaremos especificamente o poema “Tudo nela é de se amar”, rico nos elementos que desejamos ressaltar na escrita de Nascimento. Por se tratar de um texto relativamente extenso – ocupando oito páginas do livro no qual está publicado – citaremos adiante apenas o seu início:

Tudo nela é de se amar

Eu ouvi recentemente que sou da "Geração
Tombamento":
preta, pobre, consciente
que carrega esteticamente
a cura pro próprio tormento.
Meu tormento não nasceu comigo, me lembro de
senti-lo bem no colégio, de os meninos me
revelarem que amor-próprio era privilégio.
Meu amor-próprio foi construído, demorei, mas
aprendi e aos dezoito concluído: meu padrão
não é daqui.
E quis lançar aos quatro ventos, pendurar uma
faixa amarela, quando via uma pretinha
triste, escrevia e dizia para ela que tudo nela
é de se amar. Tudo

O modo como os músculos dos braços

protuberam.
A pele que contorna a carne do rosto, iluminando
e escurecendo onde quer. Tudo.
O cabelo que trava os dedos na hora de acarinhar,
que é como se dissesse: se eu te permiti tocar
tão profundo, então pode permanecer entre
os meus fios.
A forma como enfrenta a vida, tudo nela
é de se amar. A pele preta já vem do ventre
tatuada inteira de história, que é a memória
ancestral retratada na forma do nariz,
na forma como lida, como fala, como luta
e como cala, porque luta até no silêncio
dos lábios mordíveis,
mastigando qualquer coisa, quando repara
e se envergonha,
O sorriso que contrasta.
O tanto de amor que ela já sabe que vai precisar
ensinar aos filhos, ela já guarda em cada maça
do rosto.
Tudo nela é de se amar.
É que se se considerar que esse fio forte surgiu
de dentro da cabeça dela
deve-se supor que o que há dentro dela
não é fraqueza.

É que, se aparenta fraqueza, é porque ainda não
lhe oportunizaram a reconciliação consigo,
porque “a sua natureza é a de ser forte”
Quando os olhos vão ao espelho e, diferente
dos olhos dos outros os seus enxergam
a força da raiz,
ela encontra a liberdade de se amar.
E nisso há tanta beleza.
A descoberta de si depois de crescida energiza
o corpo
que urge recuperar o tempo perdido de se amar.
E aí descobre finalmente,
antes tarde do que nunca, que tudo nela
é de se amar.

(NASCIMENTO, 2021, p. 19-22)

Nos versos iniciais, o eu-lírico faz menção a um tormento que não nasce consigo, mas que a certa altura faz chegar à seguinte conclusão: “meu padrão não é daqui.” É importante frisar que esses primeiros versos do poema, recuperam uma noção bastante interessante sobre como a população da diáspora africana é construída. A corporeidade negra é traçada como “fora

do lugar”, vista como “diferente”, pensada em diferença. Mas para ser “diferente” é preciso que algo esteja estabelecido como norma, como ponto de referência a partir do qual se balisar.

A branquitude⁵, como detentora de poder colonial e colonizador, põe-se como referência cultural, histórica, religiosa e corporal nas Américas, de modo que todos aqueles instituídos como “outros” são mantidos fora desse espaço da norma. A branquitude, ao se colocar como padrão, articula a ideia de alteridade através do estigma, da inferiorização, do tormento: “Meu tormento não nasceu comigo, me lembro de senti-lo bem no colégio, de os meninos me revelarem que amor-próprio era privilégio. Meu amor próprio foi construído, demorei, mas aprendi e aos dezoito concluí: meu padrão não é daqui.” (NASCIMENTO, 2021, p. 19).

Quando entoa “meu padrão não é daqui”, o eu-lírico se nega a vivenciar sua identidade como “outra” do branco, se nega a experimentar a negritude através do estigma e se recusa a pertencer a esse lugar no qual a pluralidade de ser, estar e saber é vista como problema.

A poesia nos permite compreender o verso “meu padrão não é daqui”, de modo amplo. Apropriar-se de um padrão que não é daqui significa, entre outras coisas, manter-se fora do sistema de valores dessa “norma”. “Meu padrão não é daqui” é um verso emblemático que “não nos leva para o outro lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos” (GONZALES, 2020, p. 138), capazes de pensar novos e poderosos caminhos fora da lógica colonial. A poesia nos apresenta o “fora do lugar” como um presente, como um universo de possibilidades que podem ser estrategicamente elaboradas pelas mulheres e homens negros.

Assim, a primeira estrofe do poema transita na metáfora da epifania, na ideia do despertar do entorpecimento até então vivido, rumo a uma consciência existencial e política mais abrangente. No entanto, esse despertar atua duplamente: seja na positivação da identidade negra, seja no dismantelamento da primazia branca, fazendo da poesia um espaço de exaltação do orgulho negro e de rebaixamento da razão da branquitude.

A poesia instiga ao começar com a deslegitimação da ideia de padrão universal, inerente à tirania identitária colonial. Há, portanto, uma desestabilização dos sentidos que pertencem ao mundo conceitual branco. “Meu padrão não é daqui” inscreve-se como uma nova prática de deglutição dos sentidos da alteridade e será o instrumento para anunciar a própria história: “E quis lançar aos quatro ventos, pendurar uma faixa amarela, quando eu via uma pretinha triste escrevia e dizia para ela que tudo nela é de se amar. Tudo.” (NASCIMENTO, 2021, p. 19).

Esta poesia nos remete então a uma questão bastante sensível: a maneira pela qual mulheres e homens negros desenvolvem sua capacidade de amar e de se auto-amar dentro de uma cultura racista. Aqui gostaríamos de destacar que o texto de Luciene Nascimento sintetiza, poeticamente, uma premissa recorrente nos estudos de certas intelectuais negras. Citamos bell

⁵ Para explicar esta expressão adotamos as palavras de Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2020, p. 23): “com a denominação branquitude, queremos falar de uma episteme, de um modo de conhecer e visão de mundo que predominam entre os ocupantes dos espaços institucionais e que correspondem, até então, à inquestionável e indubitável ideologia da supremacia da natureza dita humana daqueles que se pensam brancos, herdeiros de privilégios materiais, judiciais, epistêmicos e cognitivos.”

hooks e seu livro *Tudo sobre o amor* (2021), no qual a escritora demonstra que o amor não está dado, já que é uma construção cotidiana. Para aqueles que foram ensinados que tudo em seus corpos é de se odiar, nada mais insurgente do que uma poesia na qual se diz que tudo nela [na menina negra] é de se amar.

“Se os dicionários tendem a enfatizar a definição dada ao amor romântico, bell hooks nos mostra que o amor é muito mais do que uma ‘afeição profunda por uma pessoa’. A melhor definição de amor é aquela que nos faz pensar o amor como ação” (SILVA, 2021, p. 12). O eu-lírico do poema desvela o amor próprio como ação, como construção. Assumido como aprendizado, o amor pela identidade também pode ser ensinado a partir da superação da repulsa que a mentalidade racista nos obriga a experimentar. Nesse sentido, a poesia de Luciene anuncia a possibilidade de ruptura com o ciclo de perturbação, de dores e de violência. Trata-se de uma postura perante o mundo, uma forma de inserção na sociedade, um modo de descolonizá-la.

A descrição daquilo que é passível de amor na menina negra descrita no poema perpassa as linhas, as entrelinhas e aquilo que a poesia, como princípio e fim, tem o poder contemplar: “Tudo”. O pronome indefinido alcança o estado de ser completo, a totalidade do afeto e os mínimos detalhes deste ser passível de afeto: “o modo como os músculos dos braços protuberam, a pele que contorna a carne do rosto, iluminando e escurecendo onde quer. Tudo.” (NASCIMENTO, 2021, p. 19).

Assim, toda a representação desta menina/mulher negra cantada no texto será realizada através de associações ternas nas quais o amor e o autoamor são articulados como arma poderosa de luta e de transformação social. Se odiar os corpos negros é a ordem da perspectiva colonial, amá-los revela mais do que um sentimento, revela uma ética ideológica.

“O cabelo particular de pessoas negras é um dos mais evidentes sinais da identidade racial, não sendo um elemento neutro no conjunto corporal”, como lembra Nilma Lino Gomes (2008, p. 25). O desejo de dominação dos corpos negros, passa pelo desejo de controle de nossos cabelos. Esta é uma violência imposta ou disfarçadamente incutida pela lógica hegemônica que, cria um jogo de associações entre cabelo crespo e falta de higiene, selvageria, aspereza entre outros. Num vigor fundador, a poesia encontra caminhos para gerar outros tipos de relações, tais como:

O cabelo que trava os dedos na hora de acarinhar,
que é como se dissesse: se eu te permiti tocar
tão profundo, então pode permanecer entre
os meus fios.
[...]

É que, se aparenta fraqueza, é porque ainda não
lhe oportunizaram a reconciliação consigo,
porque “a sua natureza é a de ser forte”
Quando os olhos vão ao espelho e, diferente
dos olhos dos outros os seus enxergam
a força da raiz,

ela encontra a liberdade de se amar.
E nisso há tanta beleza.
A descoberta de si depois de crescida energiza
o corpo
que urge recuperar o tempo perdido de se amar.
E aí descobre finalmente,
antes tarde do que nunca, que tudo nela
é de se amar.
(NASCIMENTO, 2021, p. 20-22)

Assim, esse cabelo negro atua e é pensado de forma devoluta, preenchido de referências capazes de espelhar poeticamente a natureza do povo negro e nossa história coletiva. Algo semelhante ocorre na menção feira à pele, ao nariz, aos lábios e às maçãs do rosto, todos elementos importantes na observação dos fenótipos negros: “A pele preta já vem do ventre / tatuada de história, que é a memória / ancestral retratada na forma do nariz”, “porque luta até no silêncio dos lábios mordíveis”, “o sorriso que contrasta”, “o tanto de amor que (...) ela já guarda em cada maçã do rosto. / Tudo nela é de se amar.” (NASCIMENTO, 2021, p. 19-20).

Cada marca de pertencimento racial dessa mulher-inspiração é trabalhada de forma a dizer o seu caráter, a sua história e, conseqüentemente, o de seus semelhantes. Essa produção e transferência de sentidos tem no corpo negro seu ponto de partida, mas alcança questões como autoestima, positividade da negritude, reverência à ancestralidade afrodiáspórica e revisão histórica. O corpo da mulher negra torna-se espaço do pensamento, da ação e do combate.

“A descoberta de si depois de crescida energiza / o corpo / que urge recuperar o tempo perdido de se amar. E aí descobre finalmente, antes tarde do que nunca, que tudo nela é de se amar” (NASCIMENTO, 2021, p. 22). Inscrito dentro de um contexto histórico, social e cultural afrodiáspórico, o corpo negro poetizado em “Tudo nela é de se amar” pode ser lido como aquele que, simbolicamente, ou fisicamente violado pelo racismo atravessa um processo de desalienação. Assim, esse corpo poético nos conta uma história de resistência construída de denúncia, amor, proposição, intervenção e revalorização da identidade.

Considerações finais

Mesmo admitindo as diferenças culturais que reconfiguram a memória, a presença e a vivência negra no Novo Mundo, a semelhança das experiências nesse espaço ligam-se como fenômeno semiótico. Mary Grueso Romero e Luciene Nascimento, encarnam em seus trabalhos a vitalidade, resiliência e rebeldia inerentes a esta presença, como observado nos mecanismos de suas poesias.

As vozes líricas que se anunciam nas autoras estudadas são capazes de manifestar a síntese daqueles que foram aprisionados num jogo de representações do discurso colonial, representações estas que passam a ser desautorizadas pela palavra poética. A poesia refaz os caminhos da referenciação e autoreferenciação negra, reestabelecendo o lugar da identidade. A

poesia é movimento, gesto, voz, idioma e cadência capaz de produzir presença e refazer o percurso que dirá quem somos, jogando por terra a razão colonial.

Nos textos lidos aqui, a exemplo do que costumamos observar nos demais trabalhos de Romero e Nascimento, a identidade negra e, mais particularmente, a mulher negra, surge como um potente manifesto de cenários. Trata-se da figura responsável a partir de quem se anuncia outro modo de pensar, numa perspectiva apta a dismantelar os equívocos e as violências do discurso eurocêntrico.

Tem-se assim uma produção semântica decolonial que, na poesia das autoras, percebe na identidade negra a linguagem criativa e originária, a prática “fora do lugar” que potencializa um estado de coisas diverso. Essa prática é produtora de renovados sentidos que contaminam o universo colonial, até então monocultural e monolíngue. É uma prática devoradora dos signos coloniais que, a partir dele e contra ele, escreve a própria história.

As poéticas de Romero e Luciene têm o poder de atacar a injustiça epistêmica e cognitiva, atuando na inclusão e revalorização dos saberes e das percepções afrodiáspóricas. São aspectos da decolonialidade manifestos no plano da literatura, num encontro entre pensamento e linguagem amalgamados no fazer poético. As experiências identitárias dessas duas escritoras também devem ser consideradas como marcadoras do grau de ancoragem de seus exercícios de escrita. O *locus* da enunciação é ponto fundamental desse projeto político. Romero e Luciene integram esse conjunto de corpos-políticos de conhecimento como crítica ao saber hegemônico.

O argumento em favor da decolonialidade como um projeto político-ideológico está inscrito nos anos de luta das populações africanas, originárias e afrodiáspóricas. Os significados construídos nas poesias das artistas lidas inserem no campo da literatura uma reflexão poética de teorias e interpretações críticas sobre a temática racial. São trabalhos que recuperam os embates de vozes sobre a percepção da negritude e que realizam a ressignificação poética e conceitual da nossa identidade. “Indagar os discursos socialmente construídos, o conhecimento científico, a ideologia eurocêntrica, as interpretações colonizadas etc. significa dinamizar e recriar os conhecimentos sobre o mundo, sobre o outro e sobre si” (ROSA, 2020, p. 251).

Com uma linguagem acessível e cuidadosamente elaborada, Romero e Luciene poetizam a identidade negra numa posição totalmente adversa às imagens cunhadas pela ótica supremacista, numa postura orgulhosa e afrontosa às proposições racistas. Assim, a identidade negra, através da fala, da memória e do corpo da mulher negra, “ganha visibilidade na tensão entre adaptar-se, revoltar-se e superar a racionalidade colonial” (GOMES, 2017, p. 94).

Vista não como um impasse, mas como êxito, a identidade negra ressignificada mimetiza a ressignificação da memória, da história e das disputas imagéticas na diáspora. Através de suas poéticas, Romero e Luciene desenvolvem trabalhos sensíveis e contundentes, operando magistralmente a capacidade que a literatura tem de produzir intervenção social e conceitual.

Referências

- BERNARDINO-COSTA; GOSFOGUEL e MELDONADO-TORRES (Org). Introdução. In: _____ . **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. A cor da literatura. In: _____ (Org.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XXI. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EL PAÍS. **Quanto você sabe sobre os afrodescendentes na América Latina?** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/internacional/1561563872> Acesso em: 30 mar. 2022.
- FREDERICO, Grazielle; MOLLO, Lúcia Tormin e DUTRA, Paula Queiroz (Org). **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 51, p. 254-258, maio/ago., 2017c.
- FUNDAÇÃO PALMARES. Diáspora africana, você sabe o que é? Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53464> Acesso em: 30 mar. 2022.
- GOMES, M. V. Desaparecimento artificial: entrevista com Miriam Victoria Gomes. In: MORAES, M. **Estrangeiros no próprio país: a história dos afro-argentinos**. Portal Geledés. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/> Acesso em: 29 mar. 2020.
- GOMES, Nilma. Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GOMES, Nilma. Lino. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos / Organização: Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- hooks, bell. **Olhares Negros**: raça e representação. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefantes, 2019.
- _____. **Tudo sobre o amor**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefantes, 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.
- PEIXOTO, Deivid. Luciene Nascimento: poesia, estética e lucidez. Jornal Ponto de Partida. Disponível em: <https://jpontodepartida.wordpress.com/2020/07/31/luciene-nascimento-poesia-estetica-e-lucidez/> Acesso em: 13 de out. 2022
- RAMOS, Lázaro. Prefácio. In: NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- ROMERO, Mary Grueso. **Negra soy**. Roldanillo: Ediciones Embalaje, 2008.
- ROSA, Paula. Trabalho didático com texto literário e visibilidade afro-latina nas aulas de E/LE: reflexões sobre nossa experiência no IFRJ. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 20, n. 2, p. 237-256, 2020.
- SANTOS, Mirian. Cristina dos. Políticas do corpo na prosa de Cristiane Sobral. In: SANTOS, M. C. **Intelectuais Negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 159-225.
- _____. A Literatura enquanto espaço de luta. In: SANTOS, M. C. **Intelectuais Negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 227-234.

SILVA, Silvane. Prefácio à edição brasileira: A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade. *In*: hooks, bell. **Tudo sobre o amor**. São Paulo: Elefantes, 2021.

SOBRAL, C. “Quem não se afirma não existe”: entrevista com Cristiane Sobral. *In*: FREDERICO, G; MOLLO, L. T.; DUTRA, P. Q. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, n. 51, maio/ago., p. 254-258, 2017.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Negra Palmera, poesia, tambor y mar**: de mãos dadas com Mary Grueso Romero. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

TAVARES, Julio Cesar de. O que pode o corpo negro: uma introdução. *In*: TAVARES, Julio Cesar de (Org). **Gramáticas das corporeidades afrodiáspóricas**: perspectivas etnográficas. Curitiba: Appris, 2020.

YOUTUBE. Soy poesía. Canal Mary Grueso Romero. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=o_9f2nVhGyY Acesso em: 25 de out. 2022

YOUTUBE. Tudo nela é de se amar. Canal Luciene Nascimento. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=V20Z554-xik> Acesso em: 25 de out. 2022